

No Longer a Racial Democracy: Critical Whiteness in Latin America and the Caribbean.
(*Já não uma democracia racial: Branquitude na América Latina e no Caribe*)

Dras. Patricia Pinho, Isar Godreau, e Erika Edwards, moderado por John Mundell.

Evento virtual, 20 de abril de 2021. Transcrição

Julia Byrd: Muito bem, acho que temos uma massa crítica, então vou começar. Mais uma vez, sou Julia Byrd, a Vice-presidente do Centro de Estudos Latino-americanos, e tenho o prazer de lhes dar as boas-vindas ao evento de hoje. O título do evento é "No Longer a Racial Democracy, Critical Whiteness in Latin America and the Caribbean" ("Já não uma democracia racial: Branquitude na América Latina e no Caribe") e somos realmente abençoados por ter três palestrantes maravilhosas: Dras. Patricia Pinho, Isar Godreau, e Erika Edwards, e será moderado por John Mundell. O evento será em inglês com interpretação simultânea para o espanhol através do recurso de interpretação do Zoom. Para acessar a interpretação, clique no ícone do globo em baixo da minha imagem e selecione espanhol. Este é o quarto e último evento da série AfroLatinx Voices. A série apresentou mesas-redondas entre estudiosos, ativistas e artistas negros de toda a América Latina e do Caribe. Cada conversa procura abordar a forma em que a raça, a negritude e a anti-negritude são informadas transnacionalmente na conversa através das fronteiras, línguas e identidades. A série AfroLatinx Voices é apresentada pelo Grupo de Pesquisa "Blackness in Latin America and the Caribbean" ("Negritude na América Latina e no Cariba") e co-patrocinada pelo Centro de Estudos Latino-americanos. Este evento e o resto da série não seria possível sem o generoso apoio de numerosas unidades em todo o campus. Obrigado aos departamentos de Estudos Afro-americanos, Estudos de Género e da Mulher, Letras em Inglês, Literatura Comparada, Estudos Étnicos, Letras em Espanhol e Português, assim como a Professora Nadia Ellis e ao Doreen B. Townsend Center for the Humanities. Em um minuto, vou lhes entregar ao moderador do evento de hoje, John Mundell. Mas antes de fazer isso, deixe-me fazer uma breve introdução. John é doutorando na UC Berkeley em Estudos Afro-americanos e da Diáspora Africana com certificado em Mulheres, Género e Sexualidade. Em conjunto com Nicole Ramsey, ele é o co-fundador do Grupo de Pesquisa "Negritude na América Latina e Caribe". John pesquisa sobre raça, sexualidade e cultura popular na América Latina e no Caribe, com foco no Brasil. Sua tese é uma leitura queer da literatura, cinema, música e televisão no Brasil para

mostrar como a branquitude brasileira racial e sexualmente confina a negritude ao tecido histórico do país. Ele argumenta que a branquitude no Brasil vem se definindo através de uma saudade ou desejo bem-ensaiado e recitado pela negritude em folclore como o sítio de encenação de prazeres nacionais como a democracia racial e a mestiçagem. E agora, para terminar com algumas tarefas domésticas. Este evento será gravado [repetições em espanhol], sinta-se à vontade para enviar suas perguntas para as palestrantes através do recurso de Perguntas e Respostas . Também abaixo. E no caso de alguém que acabou de chegar agora, o evento será em espanhol com interpretação simultânea, desculpe, o evento será em inglês, com interpretação simultânea para o espanhol através do recurso de interpretação Zoom. Para ter acesso à interpretação, clique no ícone do globo embaixo da minha minha imagem e selecione espanhol . [Repete em espanhol]. E agora estou feliz em entregá-los ao John Mundell.

John Mundell: Obrigado, Julia, por essa maravilhosa introdução, estou tão entusiasmado por estar aqui, que vou entrar logo. Vou apresentar cada palestrante individualmente e depois elas vão fazer uma breve apresentação e depois dessas três apresentações a gente vai entrar e fazer uma mesa-redonda. E então, no final, teremos espaço para perguntas e respostas do nosso ilustre público virtual. Então, começando por Patricia de Santana Pinho. É cientista social brasileira e professora titular do Departamento de Estudos Latino-americanos e Latinos da Universidade da Califórnia, Santa Cruz. É autora de várias publicações sobre negritude, branquitude, racismo e formas de resistência ao racismo no Brasil, incluindo dois livros, "Mama Africa: Reinventing Blackness in Bahia", publicado pela Duke University Press em 2010 e mais recentemente em 2018 com University of North Carolina Press "Mapping Diaspora: African American Roots Tourism in Brazil". Ela já publicou vários artigos sobre a branquitude no Brasil. Como "White but not Quite: Tones and Overtones of Whiteness in Brazil" em 2009 e dois artigos a serem publicados esse ano. Primeiro, "A Branca Suiu do Armário e Intensificou a Onda Reacionária do Brasil". Em segundo lugar, "A Casa Grande Surta Quando a Senzala Aprende a Ler: Resistência Antirracista e o Desvendamento da Branquitude Injuriada." Ela está co-editando com Hugo Cerón-Anaya e Ana Ramos-Zayas, uma edição especial da revista Latin American and Caribbean Ethnic Studies intitulada "Whiteness in Latin America: Perspectives on Racial Privilege in Everyday Life". Professora Pinho, obrigado.

Dra. Patricia de Santana Pinho: Muito obrigado, John. Quero começar por agradecer a John Mundell, Vanessa Castañeda, Jamie Anderson, por este convite realmente adorável. É ótimo estar aqui, especialmente ao lado de tão grandes estudiosas, Isar, Erika. E graças ao público, certo. Estamos há mais de um ano na pandemia e mais um evento do Zoom. Por isso, agradeço-lhe por ter tido tempo para se juntar a nós hoje. Vou compartilhar a tela só para tentar controlar o tempo, porque o evento é realmente uma mesa-redonda e por isso vamos falar, cada uma de nós só um pouco para termos tempo para uma conversa. Então, por causa disso, pensei em fazer duas coisas muito brevemente. Revisar algumas definições de branquitude nos estudos de branquitude política brasileira e depois explicar quais são as minhas contribuições para o estudo da branquitude no Brasil contemporâneo. E isso significa olhar para um contexto que é muito específico, um contexto que é marcado pelo que eu chamo de ascensão da onda reaccionária, a ascensão da extrema-direita, a eleição de Bolsonaro como uma das consequências disso. Por isso desenvolvi estes dois conceitos "branquitude ferida" e "branquitude aspiracional". E vou explicá-los brevemente e depois dar-nos alguns elementos para discutirmos mais tarde. Então, para começar, eu só vou falar um pouco sobre algumas definições muito importantes de branquitude no Brasil. Eu deveria dizer. Não vou fazer jus aos incríveis estudos sobre a branquitude no Brasil e sobre o Brasil. Mas eu vou mencionar apenas alguns dos estudiosos e, claro, podemos rastrear a atenção à branquitude de volta a Guerreiro Ramos para Lélia Gonzalez. Eu não vou tão longe. Vou me concentrar um pouco desde o início dos anos 2000, quando especialmente psicólogos sociais como Maria Aparecida Vento, Edith Piza começaram a publicar sobre Estudos de Branquitude Crítica. E também, devo dizer, os estudos de branquitude no Brasil tanto quanto os estudos de branquitude em toda a América Latina estão em uma conversa com estudos de branquitude nos Estados Unidos. Mas eles realmente não devem ser vistos como um ramo dos Estudos de Branquitude Crítica sediados nos EUA. E tenho quase a certeza que os meus colegas aqui vão concordar comigo nisso. Assim, para Aparecida Vento, a branquitude é como uma identidade social dos brancos, neutra, universal. Assim, vemos aqui definitivamente na influência de Ruth Frankenberg, por exemplo, Edith Piza também define a branquitude como a identidade dominante, normativa, preferencialmente invisível. Sueli Carneiro, mais recentemente, penso eu, fala sobre a condição de branquitude. Portanto, esta não é tanto uma definição, mas penso que é importante para nós compreender a condição de branquitude num país que há muito tempo se tem narrado a si próprio como uma democracia racial. E assim diz Sueli Carneiro, não é preciso subscrever a branquitude

para ser seu beneficiário. E penso que isto é realmente importante em um país onde admitir que alguém é branco, assumindo uma identidade branca, eu diria que não é, sabe, historicamente, não tem sido dominante. Mas agora, especialmente com a ascensão da extrema-direita, tem sido o caso, e é por isso que uma das minhas publicações recentes se chama "Whiteness has Come Out of the Closet" ("A Branquitude Saiu do Armário"). Pesquisas mais recentes sobre a branquitude, como Valeria Ribeiro Corossacz e Susana Mayers, realmente enfatizaram que, devido à narrativa dominante da democracia racial, é importante entender como a branquitude funciona através de outros registros que nem sempre são necessariamente raciais: ruralidade, respeitabilidade, disciplina, merecimento, intimidade, etc. E também quero destacar a ênfase de Jennifer Roth-Gordon em práticas corporativas e disciplina linguística também como foco de estudo da branquitude. E depois quero dizer que concordo com todas estas definições. Acho que todas elas são igualmente importantes. O que eu quero acrescentar à discussão é, e isto é claro, estou inspirado aqui pelo entendimento [inaudível] de que além de ser uma identidade, uma condição, um processo, uma prática, a branquitude é também um ideal e é um ideal que é promovido discursivamente como um grande valor social a ser preservado. Assim, o meu conceito de branquitude ferida e depois de ser adquirida por aqueles que não participam dela. Assim, o meu conceito de aspiração de branquitude. Então, é aqui que eu quero saltar para estes conceitos. Mas antes de fazê-lo, quero apenas mostrar mais uma coisa a dizer: não podemos discutir a branquitude no Brasil sem levar em conta o legado da escravidão. Tivemos mais de 350 anos de história da escravidão, e vivemos com esse profundo legado que tem como algumas de suas consequências, a associação entre a negritude e o trabalho manual, uma profunda hierarquia racial, a ideia de que negros e pobres devem, citando sem citar aspas, "saber seu lugar", e tudo isso está acontecendo muito concretamente no contexto da ascensão da extrema direita no Brasil. E, então, outro ponto a ter em mente é que durante a escravidão no Brasil, não era preciso ser rico para ser um proprietário de escravos. Portanto, não foi tão difícil ser um proprietário de escravos nesse contexto. E isso era algo a que muitas pessoas aspiravam. Então, eu realmente acho que há uma ligação entre a branquitude aspiracional de hoje e esse processo no contexto da escravidão. Portanto, não vou descrever em profundidade os 13 anos em que o Partido dos Trabalhadores esteve no poder no Brasil. Como sabem, o PT, o Partido dos Trabalhadores passou por quatro presidências consecutivas e depois a quarta foi abruptamente interrompida pelo golpe institucional que tirou Dilma Rousseff da presidência. E não pretendo romantizar nada

disto, mas é inegável que ocorreram profundas transformações sociais [sob o PT]. E estes estão aqui no slide, apenas alguns dos exemplos destas transformações. Assim, como resultado dessas transformações sociais e da ascensão dos pobres, em sua maioria negros, da implementação generalizada de programas de ação afirmativa como o Bolsa Família, Mais Médicos, etc., como resultado disso, houve uma reação estridente da tradicional classe média no Brasil. E, em maior medida, a reação estridente foi classificada como um ressentimento de classe, que é um ressentimento de classe, sem dúvida. Mas acho que o que tem faltado na análise é uma atenção à branquitude. Que papel desempenhou a branquitude na ascensão da extrema direita? E então desenvolvi o conceito de branquitude ferida porque acho importante olhar para a dimensão racial deste ressentimento de classe. E depois, mais uma vez, não vou entrar em detalhes aqui, mas podemos falar sobre isso mais tarde. A branquitude ferida é realmente um resultado da crise deste modelo dominante, uma mudança significativa no status quo. E revela realmente este momento em que a branquitude foi interpolada, convocada, chamada ao lugar, removida da sua confortável posição de neutralidade, e depois, esses dois processos de branquitude a si mesma, mas depois desligada por estudiosos e ativistas antirracistas. No entanto, como funciona de forma discursiva, a branquitude como ideal não se restringe àqueles que dela beneficiam directamente. A branquitude apela também para aqueles que foram feridos por ela. E depois quero apenas mencionar aqui algumas estatísticas, porque dois anos depois--eu ainda não consigo superar isso. Durante as eleições de Bolsonaro, 45% dos brasileiros negros votaram em Bolsonaro. Vou dizer novamente, 45% dos negros brasileiros. Isso é arrebatador. E então 64% dos brasileiros que ganham entre dois e cinco salários mínimos também votaram em Bolsonaro. E é por isso que inicialmente pensei, oh, este é um momento para eu realmente estudar e me concentrar na branquitude, não é sobre a classe média, as classes altas, mas na verdade a branquitude circula discursivamente e, portanto, há um impacto sobre como, um apelo entre as classes baixas também. Então foi por isso que desenvolvi este conceito de branquitude aspiracional. E estes dois conceitos fazem sentido juntos. Eles andam de mãos dadas e também são um trabalho em progresso. E vou terminar neste slide aqui, realmente só explicando essa branquitude aspiracional, embora eu esteja usando isso mais para pensar nas classes mais baixas e depois na branquitude ferida, mais para pensar nas classes médias e altas, elas também poderiam operar de formas opostas. Mas quanto à branquitude aspiracional entre as classes baixas, eu diria que se trata muito de uma des-identificação deliberada do chamado "inimigo interno", seja ele o "marginal", o

"bandido" ou os beneficiários de programas sociais ou membros de movimentos sociais. Mas isso requer realmente uma produção de um outro mais baixo para aqueles que já são eles próprios rebaixados e outros. Isto não quer dizer que todos os negros ou todos os pobres aspirem à branquitude. Claro que não. E, na verdade, o meu artigo sobre a "Casa Grande Surta..." vai e mostra o processo contrário a isso. Mas acho que é realmente importante que tentemos entender o papel que a branquitude tem desempenhado, especialmente como um ideal no contexto da ascensão da extrema direita no Brasil. Por isso, vou terminar aqui para que tenhamos tempo suficiente para discutir e depois ouvir os nossos colegas.

John Mundell: Muito obrigado, Dra. Pinho. Então, vamos mergulhar. A nossa próxima apresentadora é a Dra. Isar Godreau. Ela é pesquisadora do Instituto de Pesquisa Interdisciplinar da Universidade de Porto Rico em Cayey, onde dirige várias iniciativas de nível institucional e seus próprios projetos de pesquisa para publicações que exploram questões de raça, racismo e identidade em Porto Rico e no Caribe. Ela já publicou sobre cabelo, terminologia racial, a folclorização da negritude, categorias raciais do censo, os efeitos do racismo nas escolas porto-riquenhas e, mais recentemente, sobre o status do ensino superior na sequência do Furacão Maria. É autora de "Arrancando mitos de raíz: guía para la enseñanza antirracista de la herencia africana en Puerto Rico", publicada em 2013 e publicada em 2015 "Scripts of Blackness: Race, Cultural Nationalism, and US Colonialism in Puerto Rico", que também é a vencedora do Prêmio Frank Bonilla de Melhor Livro. Dr. Godreau estudou na Universidade de Porto Rico, Rio Piedras, e mais tarde obteve o seu doutorado em Antropologia Cultural da Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Dra. Godreau:

Dra. Isar Godreau: Obrigada. Obrigada pelo convite. Eu vou compartilhar minha tela. Eu realmente aprecio vocês terem organizado este evento e todos que estão assistindo. É uma honra estar aqui com minhas colegas. OK, então vamos ver se isto funciona. Às vezes dá-me um probleminha, está bem? Espero que todos possam ver. Então, eu pensei em começar com esta citação. E eu estou pensando aqui na branquitude que Patricia está falando mais sobre a branquitude aspiracional da classe média baixa ou da classe trabalhadora em Porto Rico. Esta citação fazia parte de um grupo focal que estávamos fazendo em toda a ilha em 2000, no contexto dos resultados do censo dos EUA que acabavam de sair. E antes de entrar na própria citação, deixem-me dar algum contexto do censo. Naquela época, Porto Rico parecia

ser o país mais branco das Américas, com 81% dos porto-riquenhos escolhendo "somente branco" no censo. Claro que, como podem ver, temos o mesmo censo que é usado nos EUA, mas apenas foi traduzido para o espanhol, o que coloca outro conjunto de problemas e dificuldades. Mas só com esta forma, os 81 por cento da população naquela época marcaram apenas branco. E assim, quando perguntamos às pessoas que fazem grupos focais em toda a ilha, receberíamos esta é uma citação de um homem que disse, bem, "En casa todos somos blancos. Nosotros no somos negros puros, negros violeta sino bien mezclados". E assim eu acho que vai para algumas das noções populares de branquitude que são importantes para entender os resultados, não só as definições da palavra branquitude, que são muito mais exclusivas, mas isto pode ser que fala do que outros estudiosos têm dito na América Latina sobre a branquitude ser uma espécie de termo elástico no Caribe. E Lilian Guerra e outros estudiosos têm falado sobre como no Caribe hispânico você pode até ter graus de branquitude quando está negociando essas identidades e que é um tipo de branquitude que não está necessariamente em contradição com uma mistura ou que é cancelada por uma mistura, que é um pouco diferente das noções de mistura dominante de uma só gota que encontramos nos EUA. Na verdade, a branquitude é, às vezes, avaliar as citações ditas por este homem, facilitadas pela mistura. E assim, tais noções populares de branquitude não são necessariamente, ou noções aspiracionais de branquitude não estão necessariamente associadas à pureza ou a um sentido restritivo de essência. Na verdade, o que é essencial é a negritude. Negritude em oposição a esta noção mais elástica de branquitude. A negritude, então, é mais restritiva, mais estritamente definida, e é uma espécie de essência pura que quase pode ser tão aspirada, cancelada pela mistura. Então, é interessante ver como a branquitude funciona em termos de como a mistura é definida de forma diferente em diferentes momentos. Porque, sabe, os resultados em Porto Rico poderiam ter ido em várias direções. As pessoas poderiam ter se distanciado da escuridão, o que também está impulsionando os resultados. Certo? Se você vê 81% da população identificando este caminho, é definitivamente porque o estigma associado à negritude vindo da escravidão, certo? E tudo o que está implícito ainda é predominante aqui. Então, eu gosto muito, Patricia, da sua flecha [no slide] apontando para a importância da história da escravidão, especialmente em Porto Rico e no Brasil, que foram locais em que a abolição veio muito, muito tarde. Então, ainda nem sequer passaram 145 anos desde que a abolição veio para ser. Esta é uma história muito próxima. Então esse estigma ainda está lá funcionando. Mas poderiam ter sido as pessoas a escolher "outro" ou a escolher outras

categorias, mas escolheram "apenas branco". Assim fala de como estas noções são concebidas num contexto em que a mistura é entendida como um sinal e evidência de não obscuridade. E assim e também há o papel do estado e do governo local em Porto Rico, mesmo sendo um estado colonial por muitos anos, inclusive em 2000, quando se tinha mais financiamento, promoveria esta ideia de Porto Rico ser branco e mestiço, as identidades estão operando separadamente das noções de branquitude no norte. Então foi como "ellos allá, nosotros acá" que é a sua coisa racial [lá nos EUA], que eles têm a sua brancura exclusiva ali. Aqui [em Porto Rico] podemos falar de um tipo de branquitude "criollo", um tipo de branquitude diferente, mais flexível, e isso não deve interferir. Mas no meu trabalho atual agora, o que estou fazendo com Yarimar Bonilla, minha colega, estamos vendo como a atual crise socioeconômica e política em Porto Rico está transformando essas ideias. Assim, desde 2006, e especialmente depois do censo de 2000, quando 81% da população se declarou branca somente depois que Porto Rico começou a passar por um grave conjunto de crises econômicas, socioeconômicas e políticas, o que tornou o governo e a situação muito mais, muito colonial, de maneira muito mais explícita, inequívoca e aberta. Os efeitos da austeridade colonial imposta pela combinação das políticas econômicas neoliberais com as formas coloniais dos EUA. O governo se tornou muito mais evidente depois de 2000. Portanto, não sei para aqueles que não conhecem um pouco do contexto de Porto Rico. Porto Rico é uma colônia dos EUA desde 1898. Nós somos cidadãos estadunidenses à nascença. Mas os residentes das ilhas não podem votar nas eleições estadunidenses e não têm representantes no Congresso. Nós fomos definidos como pertencendo, mas não fazendo parte dos Estados Unidos. E este estatuto colonial tinha sido um pouco velado através do financiamento do governo durante algum tempo. Mas a partir de 2016, Obama realmente assinou uma lei chamada "Promesa" e tivemos um conselho fiscal de sete membros nomeados, estes sete membros, que não são eleitos, que agora tomam decisões sobre o futuro fiscal de Porto Rico, já que temos que pagar 120 bilhões de dólares de dívida pública. E assim, com base nisso, nossas formas de governo e público, por causa da austeridade pública e da extrema austeridade pública. E isso ficou pior depois de Maria e dos furacões e terremotos, e agora com Covid, também a nossa situação colonial está muito mais na cara, no nosso rosto, basicamente, só para dizer. E então nós, eu e Yarimar fizemos esta pesquisa em toda a ilha com mais de mil participantes. Na época em que a Junta, os sete conselheiros não-eleitos, foi nomeada e perguntamos às pessoas o que é "¿Cuál es tu identificación racial" Em uma pergunta aberta, não tínhamos caixas, apenas abertas. E foi muito

trabalho dividir os resultados. E porque havia dados qualitativos, basicamente, que temos de transformar em categorias. Mas o que acontece--e isto é o que geralmente acontece quando se tem uma pergunta aberta--o número de pessoas que se identificaram como brancas foi reduzindo. Mas também vimos essa redução após a crise, mesmo no censo, no Censo Comunitário Americano, etc., que são estimativas a serem baixadas. Então, já não estamos nos 81 por cento. Na verdade, estamos em 65 por cento, mesmo olhando para as estimativas do censo. E tínhamos aqui muito menos 20 por cento dos entrevistados. E por isso vou apenas destacar uns três resultados interessantes que encontramos a partir desse levantamento, desse exercício. Foi como, por exemplo, ter perto da metade daqueles que disseram que eram brancos. Eles chamavam essa branquitude como uma espécie de forma qualificada de branquitude. Isso não devia ser entendido como branquitude anglo-saxônica ou como branquitude norte-americana. Portanto, vemos agora neste momento em que o colonialismo está muito mais no nosso rosto como uma presença mais próxima de um outro metropolitano que tem uma espécie de branquitude que não é a branquitude que eu estou aqui a afirmar ser. E assim ouvíamos respostas como "Eu sou um hispânico branco" ou um "latino branco" ou "porto-riquenho branco" ou "branca queimada" ou "branco mas eu sou misto", então não estou dizendo que sou branco como uma "gringa" branca, certo? Então, foi isto que nós dissemos. Vimos este tipo de respostas com quase metade das pessoas que se declararam brancas. Outra tendência que achamos interessante é que muitas das respostas, embora esta fosse uma pergunta aberta, foi feita por porto-riquenhos em Porto Rico por estudantes porto-riquenhos. Mas as pessoas ainda falavam de uma espécie de observador vigilante quando diziam: "Eu sou Latina, suponho", "Eu sou trigueira mas seleciono branca", como "você põe 'branco' nessas coisas". Sabe, como se houvesse alguém que tivesse outra maneira de ver este corpo. "Porto-riquenho mas, agora, se se arrumar, serei americano", "Caucásio, me definem", como outras pessoas me definem assim. Então, definitivamente há outro interlocutor. E a outra coisa que encontramos é uma correlação com a idade. Mais pessoas mais velhas eram as que se autodenominavam, estão se autodenominando brancas enquanto as pessoas mais novas, a tendência era adotar outras categorias como as latinas. Latino é interessante e podemos falar sobre isso também, mas sentimos que isso é mais como a invasão das formulações de raça dos EUA que estão acontecendo em Porto Rico, o que mais tarde, antes de nós, e em 2000 nós não vimos esse tipo de uso do latino no Arquipélago, em Porto Rico. De qualquer forma, essas são três tendências interessantes sobre as quais eu quero falar

mais tarde. Mas basicamente a nossa conclusão é que as noções locais de branquitude, esta elasticidade que tínhamos visto no ano 2000, está diminuindo à medida em que as noções de branquitude estão comprometidas como uma categoria legítima para pessoas que estão muito mais em situação abertamente colonial e vulnerável devido à crise fiscal e às medidas de extrema austeridade neoliberal que estão sendo implementadas. E isto ficou pior depois de Maria e com os terremotos e agora com Covid, é claro. Assim, a crise política da última década, combinada com os tremores secundários em curso, transformou, definitivamente, os entendimentos locais de branquitude de " branquitude aspiracional", certo? E como Porto Rico se encaixa e as noções do povo de como Porto Rico se encaixa dentro da maior formação racial imperial dos Estados Unidos. Por isso, quero parar aqui por enquanto. Muito obrigadA.

John Mundell: Muito obrigado, Dra. Godreau, eu realmente aprecio isso. Finalmente, a professora Erika Denise Edwards é professora titular de História da América Latina na Universidade da Carolina do Norte, em Charlotte. Ela publicou recentemente o livro "Escondendo-se na Clara Vista: Mulheres Negras, A Lei e a Criação de uma República Argentina Branca", que é uma análise de gênero do apagamento negro e da construção da raça na Argentina. Ganhou o Prêmio Leticia Woods Brown da Associação de Mulheres Negras Historiadoras de 2020 e foi nomeado um dos Melhores Livros de História Negra de 2020 pela Sociedade Afro-Americana de História Intelectual. Edwards foi entrevistada e consultada pelo New York Review of Books, The New York Times, National Geographic e La Voz del Interior, um jornal argentino. Sua pesquisa argui pelo aprendizado do passado negro da Argentina e das origens da negritude, e sua advocacia se estende ao engajamento comunitário, onde ela atualmente atua como membra da diretoria da Latin American Working for Achievement, ou LAWA, uma organização que concede bolsas de estudo a estudantes latinos para continuar sua educação no terceiro grau. E sem mais delongas, Dra. Edwards.

Dra. Erika Denise Edwards: Olá a todos, e muito obrigada por essa introdução, assim como pelo convite, John, assim como a Nicole, para dar essa palestra e participar nessa mesa-redonda. E especialmente estou tão entusiasmada com a BLAC e com o que tem feito. Portanto, parabéns a vocês e à UC Berkeley. Portanto, essa será essencialmente uma breve revisão geral da construção da branquitude na Argentina e só mais uma vez, permitir-nos, esperemos, entrar em questões mais interessantes

durante a mesa-redonda. O que eu descobri enquanto investigava o desaparecimento da negritude foi ultimamente com o que exatamente é a Argentina e como a Argentina tenta se construir? E, no final, imagina-se que é uma nação branca. E assim sendo, estou tão entusiasmada por poder ter essa conversa, juntando-me à branquitude crítica, porque ainda assim, descubro que o Cone Sul fica de fora dessa conversa. E, no entanto, em muitos aspectos, a branquitude tornou-se a chamada padronização da identidade, que é quase pensada como um pensamento posterior para incluir até mesmo uma bolsa de estudos sobre branquitude na Argentina. Assim, essencialmente, o que encontrei foram os temas da branquitude ou as construções, ou os contornos da branquitude se resumem às ideias de cidadania, intervenção estrangeira, mitos de desaparecimento e, finalmente, a racialização de classe. A homogeneidade é, em última análise, o objetivo e, no final do século XIX, o encontramos. No entanto, como a conversa acabará por concluir, essas fissuras começam a aparecer hoje neste caldeirão da imigração. Assim, em poucas palavras, depois de olhar e entender a cidadania, isto vem de fato do início das repúblicas, quero enfatizar o plural da Argentina. E por isso estamos a olhar para a experiência pós-colonial. E o que temos de Buenos Aires, que é diferente de Córdoba, que é diferente de Cuyo, que é diferente de Tucumán, e o que estamos encontrando muito, como estes intelectuais como Sarmiento apresentam é que há uma clara dicotomia que é, por vezes, a antítese entre si, uma em que a branquitude começa a surgir como sendo urbana versus a rural, na qual o Litoral ou Buenos Aires se torna o epítome do que será essencialmente a branquitude versus o interior à medida que começa a surgir, e finalmente uma em que alguém é educado versus aqueles que são considerados ignorantes, ignorantes, referindo-se também a esta noção de ignorância moral. O que encontrei apenas em minha própria pesquisa e olhando para a construção da raça em Córdoba foi, vi uma mudança, especialmente em termos dos dados do censo e da etiquetagem, a reetiquetagem na qual eu realmente encontrei até 1821 e definitivamente até 1832, que eles estão conscientemente se referindo a si mesmos como "blancos". Então, você vê claramente, mesmo na mesma noção do que eles são, que a branquitude então está começando a envolver e encapsular esses elementos. A partir daí, para encerrar isso, o que vemos, então, é esse exército, como mencionei, Sarmiento, e essa noção de "civilização versus barbárie", que depois, naturalmente, entrará em jogo para a segunda metade do século XIX com, como descrevi anteriormente, esta noção de intervenção estrangeira e esta intervenção estrangeira virá primeiro, claro, influenciando fortemente Buenos Aires e depois, em última instância, os Pampas ou

partes do interior. E, por último, as províncias do noroeste. E é, ultimamente, uma imigração sancionada pelo Estado. E esta noção de procurar um substituto ideal, que poderia ser usado como um emblema, bem como um modelo a seguir para aqueles que finalmente estão na Argentina, mas simplesmente não têm o que é preciso para fazer uma nação moderna. Então, você vê já com a constituição de 1853, agora está começando a formar um espaço para a imigração europeia especificamente, mas definitivamente em 1876 com a Lei de Imigração e Colonização na qual eles também descrevem exatamente o que eles estão procurando, que no final de contas são os norte-europeus. Isto, é claro, não é exclusivo da Argentina. E descobrimos que o embranquecimento, como se observa muitas vezes, ocorre em toda a América Latina e até certo ponto se pode argumentar, os Estados Unidos, o que o torna, por mais espantoso que seja o montante que vai para a Argentina. É o segundo lugar depois dos Estados Unidos em termos de imigração. Em 1895, você está olhando para duas em cada três pessoas em Buenos Aires que são estrangeiras, em 1914, metade da cidade--esta é Buenos Aires--é estrangeira. Mas devo salientar que esta imigração não está igualmente espalhada pelo que é agora o país. E assim, em vez disso, no interior, descobrindo que há menos imigrantes que se dirigem para áreas como Tucumán ou Jujuy, ou mesmo Córdoba, eles virão, mas virão um pouco mais tarde. Outra coisa que muitas pessoas esquecem, mas eu espero que mais bolsas de estudo surjam, é o aspecto educativo e o recrutamento de professoras brancas estadunidenses, para ser exato, que vieram também para a Argentina para implementar a escola normal começando, é claro, em Buenos Aires, mas o objetivo final era ir para o interior. Mais uma vez, essa noção desse interior rural rústico que precisava ser educado. Então, também estamos vendo esse aspecto. Então, não são só os europeus, especificamente os homens ou os norte-europeus. Também vemos como os EUA estão desempenhando um papel neste processo. Outra coisa que quero salientar, no entanto, são os dados do censo. Curiosamente, estamos começando a ver menos ênfase naqueles que são argentinos em termos daqueles que são de ascendência afro ou descendência indígena. Mas, curiosamente, temos estes dados do censo dos imigrantes que vieram para a Argentina e que são racializados. E o que mostram é que a esmagadora maioria é da Europa, é claro, mas descobrimos que há alguns asiáticos e alguns africanos que também estão chegando. O que eu queria realmente enfatizar é que em 1895, eles os observam até 1914, agora são considerados "não especificados" em termos de imigrantes. Então, isto também nos está influenciando para estes mitos do desaparecimento. E essa é outra onda que surge mais ou menos na mesma altura.

Mas definitivamente na década de 1940, essa noção de que, ultimamente, qualquer remanescente do que era de descendência afro, de descendência indígena e/ou índios já não existe. E é realmente aí que vemos isto nos dados do censo. Eu só queria ler uma pequena citação na qual um dos diretores do segundo censo nacional da Argentina afirma ou explica por que a raça não foi incluída. E no final, diz ele, a questão da raça é de pouca importância para a Argentina dada e cito "os pequenos números tanto em termos absolutos como relativos de negros, mulatos e índios civilizados". Outra coisa que ele sublinha então é, também, dado que existe uma exceção, no entanto, para os negros puros que não podem passar todo o resto, os mulatos e os índios são muitas vezes recontados como brancos. Então, já estamos vendo este tipo de mudança para isto criando esta homogeneidade do que é ultimamente Argentina; e Argentina, especialmente no final do século 19, é ou pelo menos eles querem se projetar como sendo uma nação branca. Dentro do interior também estamos vendo a "Conquista do Deserto" de 1879, bem como o movimento de 1884 em direção ao processo de colonização e movimento de modernização, desculpe-me, no Chaco, novamente para avançar esta noção de que eles estão modernizando o estado e trazendo à tona estas novas ideias do que é civilização. E, finalmente, uma das coisas em termos de olhar para os mitos do desaparecimento, um terceiro atributo da branquitude é a re-rotulagem desses anteriormente não-brancos ou daqueles que não cabem nessa noção do que é branquitude. Então, você tem, por exemplo, um "criollo" que surge. Eu definitivamente quero destacar o trabalho de Chimoza nesse sentido. E o que você encontra "criollo", então começa a envolver esta noção de, sabe, o que é considerado como nascido americano. E, em última análise, você primeiro costumava descrever os brancos nascidos nas Américas e como uma comparação com os que eram Peninsulares. Mas, então, eventualmente começa a captar essa noção de ser nativo. Certo? E nativo em termos de que você nasceu nas Américas. E assim começamos a ver essa re-rotulagem dos índios para "criollos". Também começamos a ver no início do século XIX a tal noção de "morocho" que também se apresenta e é ainda hoje amplamente utilizada. Outra forma de capturar esses povos de pele mais escura que ainda não se encaixam bem no que é a branquitude, mas que definitivamente não são negros. Desculpe. Em Córdoba, mais uma vez, minha própria pesquisa mostrou essa frase de "pardo" sendo usada, especialmente durante a República, para substituir todas as castas formalmente rotuladas. E então, claro, "trigueños" que tem sido estudado em Buenos Aires, é capturar essas noções daqueles que são de pele escura, imigrantes de pele escura, muitas vezes da Europa, bem como

negros de pele clara. E assim estamos começando a ver como essa alteridade está começando a se desenvolver também, e devo ressaltar que apenas isso é de cima para baixo ou do estado para baixo, mas também é de baixo para cima. Certo? Isso é a maneira pela qual aqueles que não se encaixam bem na branquitude podem pelo menos começar a manobrar socialmente, a mobilidade social, pelo menos para escapar em nível, para escapar de níveis de sua negritude ou níveis de ser índio, simplesmente porque nesse momento, qualquer nível de referências culturais as suas etnias ou a sua raça tem uma conotação negativa. E assim o que vemos, mais uma vez, é essa minimização de todas estas práticas culturais e essa mudança também, e eu realmente quero enfatizar, especialmente para a área de Tucumán, essa mudança de noções e práticas culturais indígenas, a linguagem agora sendo eliminada em algum sentido, essa mudança da pecuária de subsistência para o capitalismo agrário. Mais uma vez, Chimoza realmente falou sobre isso em termos de açúcar. A negritude, claro, qualquer coisa que esteja associada a isso, seja a música, tango, milonga, carnaval, qualquer coisa, então, claro, se eles podem minimizar esse aspecto cultural e, claro, às vezes até mesmo atribuir, ou desculpe-me, não atribuir, mas adotar essa noção de trigueiro, que é uma maneira de pelo menos avançar para essa noção da branquitude. E assim no início do século 20, olhando então para a branquitude em termos de como a classe é racializada, o que eu quero enfatizar é claramente que eles não desaparecem. Certo? Vemos isso em termos dessas medidas estatais como o censo, mas tipicamente, não é como se alguém fosse apenas um dia tornar-se branco. Então, o que acontece? O que eu tenho mais e mais é que a raça se torna um tópico silencioso. Certo? Você não fala sobre isso. Você não se comporta como um negro ou um índio. Certo. Agarra-se a essas noções de ser um criollo, agarra-se a essas noções e acaba por se tornar um morocho. De certa forma, uma noção romantizada do gaúcho, se é que se pode ir tão longe. Mas é no momento, durante os anos peronistas, que vemos, mais uma vez, esse frente a frente e seu chamado para todos aqueles do interior que, de muitas maneiras, ainda se mantêm ou têm esses níveis de fenótipo, fenótipo escuro e sombrio agora vindo para Buenos Aires, onde você vê esse choque novamente, do interior contra a costa. E é nesse momento, então começamos a ver como a raça e se torna, desculpe-me, como a classe se torna racializada e começamos a ver esses termos depreciativos surgindo, tais como "cabecita negra", para finalmente descrever essas pessoas de pele escura e escura que nunca foram a lugar algum, mas ainda assim são um lembrete problemático para aqueles que adotaram e podem atribuir à branquitude está agora olhando e dizendo, não, o que é isso, certo? E até que

ponto isso faz ou explica quem somos como uma nação argentina? E assim vemos essa "cabecita negra" saindo. Mas também é um em que é muito ambíguo. Mas marca claramente uma diferença entre os que são brancos e os que não o são. E assim também começamos a ver a racialização da palavra até mesmo "negro", assim como "cabecita negra", até certo ponto ainda é talvez usada, mas não tanto quanto a palavra global "negro", que é usada para descrever, novamente, aqueles que não são brancos. E, por sua vez, começamos a ver, então, como a classe, especialmente a classe média, e se torna parte dessa conversa para permitir que as pessoas que ainda querem reivindicar a branquitude se apeguem a essa brancura. Então, não apenas vê-se para o imigrante europeu ideal e os seus descendentes, mas como estou descobrindo, há também essas noções locais de como um trigueiro ou um moreno ou um morocho pode ter essas aparências, certo?, de branquitude e ainda se agarram, não se agarram, mas reivindicam e subscrevem à branquitude porque agora fazem parte dessa classe média. E então, aqueles que não se agarrarem aos níveis desses traços culturais de brancura serão, infelizmente, demonizados de muitas maneiras e chamados, às vezes, de "negros", de forma depreciativa. Portanto, só para terminar, porque eu sei que estou realmente ansiosa para a conversa, o que estamos vendo é que pelo menos dentro da Argentina nesses últimos duzentos anos, que a branquitude está ligada à cidadania. Está ligada à intervenção estrangeira. Está ligada ao mito do desaparecimento e, claro, à racialização da classe. E ou você está dentro ou não está, ou está fora. E ao criar essa nação homogênea e sem raciocínio, ainda vemos como em muitos aspectos é considerada como a padronização da identidade. Mas desde 2001, uma nova mudança de imigração, uma imigração mais escura está surgindo. E por isso estamos começando a ver essas rachaduras se exporem. E isso é emocionante para ver, então, como a branquitude acabará por se tornar flexível e encontrar outra forma de continuar, pelo menos, a manter o seu privilégio. Obrigada.

John Mundell: [00:47:55] Obrigada a todas, por essas apresentações maravilhosas. Temos, eu diria vinte, vinte e cinco minutos para ter uma conversa e depois entrar em alguma mesa-redonda ou, com licença, algumas perguntas e respostas para tentar fechar por volta das 11:25 - 11:30, horário da Califórnia. Então, eu queria fazer muitas perguntas, mas vou escolher algumas. Estava pensando em toda a América Latina, no Caribe e Dra. Godreau, isso aparece, especialmente com a sua apresentação sobre os dados do censo. A forma como falamos da raça e das suas categorias é omnipresente no discurso cotidiano. Certo? Isso é especialmente o caso para descrever os vários

graus de negritude de tal forma que para melhor ou para pior, a negritude se polariza e se multiplica e pode facilmente alimentar a ideia de democracia racial. Mas no Brasil, mais recentemente, até nós ouvimos isso frequentemente com o termo "negritude" no plural ou "negritudes" para dar espaço para as múltiplas formas de ser e viver a negritude de alguém. Certo? Então, no entanto, a branquitude ainda é muitas vezes vista como singular ou discutida de forma muito teórica. Por isso, pergunto-me como poderemos repensar a branquitude no plural. E ouvimos isso mais recentemente no Brasil com "branquitudes", certo? Mas como podemos repensar a branquitude no plural, bem como muito diferente de lugar para lugar. E todas vocês podem simplesmente sentir-se livres a pular na roda.

Dra. Isar Godreau: [00:49:36] Posso dizer algo, apenas brevemente, acho que de fato faz parte, pelo menos de Porto Rico e para as pessoas que estão envolvidas no trabalho antirracista, essa questão de entender a negritude como plural e como mais flexível faz parte do projeto político. Certo, como parte de uma agenda antirracista, porque a norma tem sido, na verdade, tornar a negritude muito estreita. E o que é flexível é a branquitude, porque as pessoas continuam a esticá-la para que funcione como uma estratégia de "blanqueamiento", se não se pode mudar as características fenotípicas, como disse Erika, não é como se as pessoas acordassem de repente e fossem mais leves ou mais brancas. Ela diz que se faz o que se faz é mudar a definição. E por isso acho que faz parte de tornar a negritude mais plural. Isso faz parte do trabalho antirracista que eu vejo acontecer agora. Então, só para apontar isso.

Dr. Patricia de Santana Pinho: Bem, sim, eu concordo com isso, e acho que isso também se aplicaria ao Brasil. E o que me veio à cabeça, John, enquanto ouvia a sua pergunta e também muito enquanto ouvia a apresentação da Isar, foi esse tipo de exemplo clássico das próprias categorias raciais no Brasil. Sabe, quando o censo abriu a questão da raça e depois tivemos 134 termos de cor racial. E quando você olha para a categoria "branco", você sabe, "branco encardido", "leite branco", você sabe, há tantas maneiras diferentes de qualificar "branco". Isso, eu acho que prova o ponto que Isar está fazendo sobre o alargamento da branquitude para torná-la, fazer o maior número possível de pessoas caber. Então, eu acho que depende muito de quem está fazendo esse tipo de pluralização de branquitude, para quê, em que momento. E o mesmo se aplica à negritude, certo? Não que isso responda à pergunta, mas acho que

esses são apenas elementos para pensar sobre isso em diferentes momentos no tempo.

John Mundell: A Professora Edwards? Não se sinta pressionada, eu só... Podemos seguir em frente ou não sabia se queria acrescentar alguma coisa do caso da Argentina ou...

Dr. Erika Denise Edwards: Não, você pode seguir em frente. Está tudo bem.

John Mundell: Está bem, claro. Então, eu acho que, sabe, Dra. Godreau, o seu livro, e isto é para todas, mas só para o colocar em perspectiva, Dra. Godreau, seu livro "Scripts of Blackness" entra em detalhes íntimos sobre como a branquitude tem sido historicamente construída como benevolente em Porto Rico, especialmente em comparação com os EUA. Sabe, sua apresentação fala sobre isso também, dentro do contexto da escravidão e imaginando a nação mestiça e negra é relegada a um folclore histórico. Certo? Especialmente em áreas como música, dança, comida, esporte, muitas vezes de forma hipersexual. Certo? Então, esses roteiros raciais, como você os chama, são recitados e retrabalhados em múltiplas arenas da vida, da política e das escolas à cultura popular no discurso cotidiano. E como se fosse esse conceito de roteiros como performance, certo? Eu gostaria de saber como esses roteiros raciais aparecem no trabalho atual de todas vocês, mas também de um ponto de vista discursivo, como podemos entendê-los melhor como um tipo de performance dada em vários tipos de palcos e exigindo seu próprio conjunto de figurinos, adereços, ensaios, recitações, etc.

Dra. Isar Godreau: Sim, é uma boa pergunta, acho eu. Bem, na verdade, o que você sabe o que estou dizendo agora é que é interessante porque eu acho que os roteiros desses roteiros raciais e como os significados que estão ligados à negritude ou indigeneidade ou branquitude, especialmente a branquitude hispânica, que tem uma branquitude diferente, é construída de forma diferente em relação à branquitude anglo-saxônica. Certo? Mas acho que todos eles precisam do Estado, um Estado para os promover. Certo? E o Estado precisa de financiamento, dinheiro. E neste momento, neste momento neoliberal, do neoliberalismo colonial que estamos vivendo [em Porto Rico], o Estado não tem fundos para financiar os roteiros, tem muito poucos fundos. Então, é um momento interessante porque estou vendo que o que costumava ser a

noção anterior de democracia racial, de uma autonomia que reivindicava uma branquitude hispânica autônoma que de alguma forma não tinha nada a ver com a branquitude gringo que deveria estar ali. Sabe, aqueles que precisam de financiamento para poderem ser postos em prática e para as pessoas acreditarem nisso, certo? Neste momento em que o governo está falido, o governo colonial está em bancarrota. Então, os adereços para promover esses roteiros não são, não há muito dinheiro para comprar adereços, o sistema educacional, os sistemas de comunicação é ... estamos num momento em que é muito mais uma invasão federal, federal estadunidense de definições racializadas de branquitude e negritude ou mesmo mistura. Então, é um momento interessante. E eu não acho mal que o governo local não tenha fundos para esses roteiros de democracia racial. Eu não acho que isso seja necessariamente uma coisa má. Se o faz agora, estamos vendo outras formas de realizar a negritude que eu acho que realmente fazem o que você diz que é, expandir a noção de negritude para incluir, sabe, outros sinais que antes estavam associados com o Caribe anglófono ou até mesmo com noções estadunidenses de negritude, que são muito mais concebidas como mais modernas ou hip ou urbanas do que as noções folclóricas que são apoiadas pelo Estado, pelo estado colonial porto-riquenho. Então, eu acho que é um momento interessante que estamos vendo agora, especialmente com o assassinato de George Floyd e todo o ativismo em torno disso, e em combinação com roteiros locais de negritude em Porto Rico, não ter fundos suficientes, então, que gera uma combinação interessante, um espaço muito mais animado para o ativismo antirracista em Porto Rico, eu acho. De qualquer forma, vamos deixá-lo lá.

Dra. Erika Denise Edwards: [00:56:52] Vou falar um pouco em termos da Argentina, e o que realmente me impressionou foi como esses roteiros de cultura são constantemente adotados, certo?, e usados para impulsionar uma identidade nacional. Bem, na Argentina, pensando no tango, por exemplo, ou no quarteto, que está no interior ou mesmo bebida de chimarrão, certo? Todas essas coisas foram consideradas antieuropeias durante anos, mas agora se tornaram, ultimamente, o que faz da Argentina, a Argentina. Então, mais uma vez, apenas falando sobre como a branquitude continua a expandir-se. E é bastante flexível em termos de garantir, mais uma vez, que um determinado grupo e status quo mantém níveis de dinâmica de poder, incluindo certas coisas e certos aspectos culturais, certo?, dessas pessoas, mas não das próprias pessoas. Para que o próprio povo faça parte disso, eles, de certa forma, têm que deixar de lado a sua cultura. E então, eventualmente, uma vez

nacionalizado e adotado, como se isso fosse novamente um atributo de branquitude argentina contra algo que veio deles. Há uma tal desconexão, por exemplo, na compreensão das origens do chimarrão ou do tango que agora está se tornando cada vez mais reconhecida como suas raízes negras. Mas, o chimarrão, em certo sentido, quer dizer, isto é algo que ninguém bebeu há anos e anos, isto é algo que os pobres bebiam e agora isto é o que todos bebem em casa, ainda, às vezes, mais do que o café. Então, eu queria oferecer isso. E por último, com Maradona, certo? E o que ele representa, quero dizer, e pensando novamente em uma experiência pessoal onde alguém me tinha dito que ele representava "os negros, ele era o nosso Malcolm X" e o fato de que ele foi capaz de transcender e se tornar novamente este emblema argentino da branquitude em um sentido de definitivamente a identidade argentina no cenário internacional. Mas mesmo assim, quando pensamos realmente nas suas origens e no que ele representa, ainda são discriminados a tais níveis porque não podem obviamente ou não têm os talentos que Maradona tinha para lhe permitir escapar por vezes, essas noções de "negritude" entre aspas.

Dra. Patricia de Santana Pinho: Sim, eu acho que essa é uma questão tão importante sobre o porquê do desempenho e das performances da negritude e da branquitude e pensar nelas junto. O que eu também acrescentaria talvez seja a questão sobre onde pode ser realizada a branquitude e onde pode ser realizada a negritude? E eu realmente não vou responder à pergunta, mas eu apenas, começando a pensar sobre isso, eu diria, sabe, até a presidência do Partido dos Trabalhadores, que é realmente um momento decisivo na história brasileira, especialmente porque diz respeito à ascensão social dos pobres e, portanto, as mudanças nas dinâmicas raciais, de classe ou de raça, a branquitude pode basicamente ser realizada em qualquer lugar por causa de sua suposta neutralidade. Mas a negritude não podia, na verdade. A negritude tinha espaços muito contidos onde era muito visível, celebrada, mas como dizem Isar e Erika, muito guiados pelo Estado. Certo? E depois a indústria do turismo, juntamente com isso. E depois quando a negritude se faz em todo o lado nos centros comerciais e nos aeroportos e nos aviões e depois não, então isso é errado, certo? Isso é a negritude no lugar errado. Então, eu acho que, sabe, eu apenas acrescentaria à questão da performance, a questão de onde essa performance acontece.

John Mundell: Excelente. Muito obrigado. Eu só penso também, sabe, como o lugar desempenha um papel muito importante e como certos lugares são racializados de

diferentes maneiras, seja Loiza em Porto Rico ou seja a Bahia no Brasil, como o "esperado" espaço que eles são que essas performances raciais estão acontecendo ou não estão acontecendo. Certo. É apenas uma questão crucial para continuarmos nos perguntando sobre, sabe, como podemos reimaginar a performance racial como plural, certo?, como as múltiplas formas de fazer performance da negritude ou da branquitude ou a mestiçagem ou até mesmo como essa multiplicidade de lugar é muito crucial na forma como nós imaginamos a criação de uma raça ou de uma nação ao mesmo tempo. Então, eu quero falar um pouco sobre metodologia, porque eu conheço seus trabalhos, realmente. Vocês citam, vocês imaginam e vocês realizam uma espécie de praxe feminista negra no seu trabalho, seja na história ou nas ciências sociais ou humanidades. E a branquitude crítica tem sido, há muito tempo, um princípio dos estudos interdisciplinares negros nos EUA, principalmente para descrever, é claro, como as interseções de raça e classe, especialmente para engajar o privilégio na política até mesmo dos pobres e da classe trabalhadora branca. Mas é nestes tempos mais recentes, parece que os trabalhos que estão saindo dos estudos latino-americanos e caribenhos sobre a branquitude vêm realmente de uma lente feminista negra. Citam o pensamento feminista negro transnacional como a escola de pensamento que está realmente analisando a branquitude em questão. Certo. E eu vejo isso como definitivamente uma virada necessária, especialmente porque é esse trabalho que considera não só as políticas raciais, mas também as políticas de gênero e sexuais do embranquecimento, a miscigenação como um programa patrocinado pelo Estado, cujas repercussões ainda sentimos no século XXI. Então, eu acho que como estudiosas da raça, gênero, lugar e memória, de trabalhos que eu consideraria estarem enraizados em uma praxe feminista negra, como vocês vêem o papel dos feminismos negros na desconstrução da branquitude na América Latina e no Caribe?

Dra. Patricia de Santana Pinho: Sim, quer dizer, eu poderia mencionar que eu acho que tem havido uma convergência realmente produtiva no Brasil, mais uma vez, muito como eu não diria bem, em parte o resultado desse período de alargamento da ação afirmativa, a entrada de um número muito maior, um número muito maior de estudantes negros, estudantes indígenas, etc., nas universidades, eu acho. Então, a convergência entre isso e depois as redes sociais e como muitas vezes jovens ativistas, especialmente jovens ativistas negras, muitas vezes trans feministas, femininas, têm usado especialmente o YouTube, mas também Instagram, Facebook, etc. Mas eu acho que o YouTube tem sido uma grande plataforma no Brasil. Portanto,

a convergência entre estes dois elementos, penso que tem contribuído muito para disseminar ideias que normalmente são apenas discutidas na torre de marfim. Mesmo nas universidades. E por isso foi ótimo ver isso. Mesmo se pensarmos no Brasil, o próprio termo "branquitude", a normalização do termo é resultado em grande parte dessa canalização através das redes sociais, principalmente das vozes e perspectivas do pensamento feminista negro predominantemente por causa dessa convergência, mais uma vez, da ação afirmativa e das redes sociais acontecendo simultaneamente em grande medida. Então, acho que eu começaria por aí. E depois, também, o fato de isto também ter contribuído para um ressurgimento de pessoas como Lélia Gonzalez. Por exemplo, quando eu estava na faculdade, quando me formei em ciências sociais, não falávamos de Lélia Gonzalez. Ela não estava em nenhum lugar para ser vista no currículo. Ou outras, certo? Beatriz Nascimento e outras feministas, intelectuais feministas negras que hoje foram redescobertas e hoje estão, seu trabalho está apenas circulando muito mais. Então, eu só queria mencionar que como um dos resultados muito positivos desse momento muito, muito difícil, estamos vivendo como no geral, em todas as Américas, mas particularmente no Brasil com um neofascista no poder e para que não percamos completamente a esperança. É importante ver que esse trabalho está acontecendo ao mesmo tempo, que Bolsonaro está no poder.

Dra. Erika Denise Edwards: Argentina, no que diz respeito aos estudos sobre mulheres negras, ainda estamos no início em muitos aspectos. Não tem havido muito. Parte da minha escrita está começando a surgir. Temos alguns estudiosos que estão a caminho. Mas em termos, nós somos--as três que eu conheço--não somos argentinas. Essas são as feministas negras que estão realmente empurrando essa questão do que é a branquitude e pertencer realmente são as ativistas nas ruas que estão fazendo um trabalho incrível. E mais recentemente, eles finalmente permitiram e criaram um curso de antirracismo na Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, que está sendo dirigido por essas estudiosas feministas negras e outros ativistas que realmente ensinam o que está acontecendo nas ruas. Nesse momento, a questão é apenas reconhecer que tem negros lá [na Argentina]. Ainda estamos nesse ponto de, de várias formas, é claro, de explicar o que aconteceu, mas realmente, para aqueles que agora são descendentes de escravos, que são descendentes da imigração de Cabo Verde e na explosão mais recente da África Ocidental é reconhecer que eles estão lá e eles também são argentinos. Então, é mesmo aí que estamos. Ainda estamos no início dessa prática, praxe e ativismo feministas negros. Então, estamos chegando lá.

Dra. Isar Godreau: Quero dizer, apenas brevemente, em Porto Rico, e acho que isso acontece também no Caribe hispânico, são realmente as mulheres negras que estão na vanguarda de todos os movimentos antirracistas. Quero dizer, em Porto Rico, temos La Colectiva Feminista. Elas têm feito um trabalho incrível de sempre ligar a violência de gênero ao racismo, ao colonialismo. Nunca, nunca esquecendo de ligar o Colectivo Ilé é outro colectivo dirigido principalmente por mulheres que olham para a intersecção do colonialismo e do racismo. Por isso, mesmo que não veja na academia que, como diz a Erika, vejo no ativismo real que está acontecendo. E as pessoas nas ruas estão fazendo essas ligações de formas muito explícitas.

John Mundell: Sim, vindo de uma formação mais de estudos culturais de olhar como literatura e cinema e televisão, sabe, a maneira de figurar certas figuras da história ou mesmo da atualidade como se fossem simbólicos, certo? No caminho, como a branquitude é sempre aquele que, meio que, puxa os fios de fantoche, de quem está dirigindo e escrevendo esses filmes, telenovelas. Estou escrevendo sobre a telenovela *Xica da Silva* agora mesmo. Então, sabe, essas figuras certas, como elas aparecem. E Patricia, Dra. Pinho, você fala sobre as redes sociais e parece que as redes sociais, assim como, tipo, o ativismo nas ruas e, sabe, também no mundo virtual é realmente, tipo, o espaço mais quase democrático da produção cultural, certo? onde talvez possamos imaginar a libertação e outros tipos de formas sobre quantos desses termos, sejam branquitudes, ou blanquitudes ou whiteness está se tornando mais vernáculo através desse ativismo e através da produção de imagens e memes, por exemplo, pensando como memes "Barbie facista" no caso do Brasil, que é algo sobre o qual estou realmente entusiasmado para escrever, e todos esses outros tipos de formas que podemos abordar também através do humor e sátira, etc., é realmente emocionante mesmo nesse tipo de inferno que estamos vivendo em 2021. Então, sabe, não nos resta muito tempo. Mas eu quero fazer uma espécie de pergunta final antes de chegarmos às Perguntas e Respostas. É apenas lhes perguntar o que acham que se segue para o campo. Dra. Edwards, você tem falado do tipo de ponto de partida, certo?, de olhar a negritude na Argentina, mas também a própria branquitude crítica. Então, eu quero saber o que vocês pensam ser o futuro dos estudos de branquitudes, blanquitudes, ou whitenesses em relação ao tipo de trabalho já prolífico existente em alguns lugares da América Latina e do Caribe sobre a negritude?

Dra. Edwards Denise Edwards: Bem, na Argentina, o que é ótimo e o que está acontecendo é que muitos estudiosos estão realmente trabalhando com os ativistas. E eu acho que eles estão escutando, especialmente os afro-descendentes africanistas, bem como os afro-africanistas que são capazes de expor, especialmente por causa das redes sociais, o que está acontecendo. E assim tem havido muito trabalho, pelo menos em termos de ter esse diálogo que é necessário para se avançar. No final, culminou com o dia dos afro-argentinos, que é comemorado em 8 de novembro para marcar as contribuições do povo negro para a Argentina. Portanto, acho que o que vai ser preciso para continuar a acontecer é que tanto os acadêmicos como os ativistas se reúnam e continuem essa conversa. Eu quero reconhecer o grupo de gênero do dia 8 de novembro, que é, ultimamente, o das feministas negras que realmente fizeram um grande trabalho e estão avançando para garantir que as pessoas reconheçam o que está acontecendo, especialmente como uma mulher negra na Argentina. A branquitude crítica, eu também penso de muitas maneiras, e eu tenho que dar crédito a muitos estudiosos argentinos que têm feito um grande trabalho nestes últimos dois anos, e especialmente depois da crise de 2001, que é realmente onde, como eu mencionei, que as rachaduras deste "caldeirão" da imigração europeia agora está realmente expondo que ele nunca esteve realmente lá. Então, também é para lá que isso, quando penso apenas no campo de estudos sobre a branquitude, é para lá que ela está. Então, como, como vai continuar a se manter e a se manifestar? Em muitos aspectos, acho que essa é outra maneira pela qual a campo também está olhando para o que está acontecendo nas ruas.

Dra. Patricia de Santana Pinho: Eu posso seguir até onde a branquitude está sendo examinada no Brasil. Quer dizer, eu não estou lá por causa da pandemia. Não tenho conseguido ir há quase dois anos, infelizmente. Mas a partir das minhas conversas com colegas e estudantes lá, o que eu acho que está acontecendo é que a branquitude se tornou cada vez mais parte do currículo nas universidades, por exemplo. Então, sim, toda essa popularização dos termos, certo?, através das redes sociais, mas também está finalmente se tornando um tema sério de estudo, certo?, em um sentido mais formal. E isso é muito necessário. E eu acho que se vai tornar cada vez mais através de uma lente interseccional, sem dúvida. Então, novamente, de volta à abordagem feminista negra. Um exemplo disso é, e eu acho, John, que o seu próprio trabalho aponta para isso, certo? Assim, pensando na branquitude através da intersecção, através da sexualidade, gênero, etc. Por isso acho que isso está se tornando cada vez

mais o caso. Penso também que, porque, mais uma vez, dos efeitos ainda persistentes do mito da democracia racial, é realmente importante prestar atenção ao modo como a branquitude funciona através destes registos que não são explicitamente raciais, a que aludi no início da minha apresentação. O que me leva ao ponto da importância de estudar a branquitude ordinária. Esse é um dos principais fios condutores desta edição especial que co-edito com Ana Ramos-Zayas e Hugo Cerón-Anaya. E vimos que na maioria das submissões que recebemos quando fizemos a chamada, trata-se da branquitude na América Latina, a maioria dos trabalhos que recebemos e os que estarão em última instância na edição focalizam-se na branquitude ordinária. Então, esse é um ponto. E depois, apenas para concluir e outros elementos que estão muito presentes nestes documentos que também ouvi aqui hoje de minhas colegas, continua a ser a importância dos termos raciais e das categorias raciais. Chamadores raciais, certo? Então, Erika é sobre "morocho", "cabecita negra", etc. E Porto Rico é, você sabe, há uma riqueza de termos lá, como acontece no Brasil também. A racialização de classe, mais uma vez, um ponto importante a ser examinado, Erika trouxe isso à tona também, e isso também está nos artigos que recebemos. E, então, eu também apontaria a importância de estudar a branquitude através da produção da alteridade. Portanto, o que é uma forma importante de manter a branquitude, pois, encontra uma forma de permanecer neutro, universal, a norma, o padrão, etc.

Dra. Isar Godreau: Sim, então eu não sei, eu acho que essas são direções interessantes e o que eu pude ver nesse trabalho, o que eu estou encontrando mais interessante é trabalho que está tentando tirar a branquitude do espaço normativo, certo?, e tentar localizá-la e, especialmente, olhar para como ela funciona através de esferas de poder que estão além de Porto Rico. Então, olhe para as elites brancas latinas, sabe, e quais são seus papéis e colaboração e cumplicidade com a branquitude da metrópole dos Estados Unidos nesse caso. Então, a branquitude colonial, como é que funciona, como é que funciona mesmo em Porto Rico? E se pudermos começar a falar sobre quem são os que estão implementando a branquitude colonial em Porto Rico, então podemos tirá-la do espaço normativo e apontar para ela. E assim eu acho que conceitos como "blanquito" em Porto Rico, que também é uma classe racializada e aponta para o fato de que a classe alta também é racializada como branca. E assim, olhar para essas instâncias, e isso é uma coisa popular, como "blanquito" é um termo depreciativo usado para uma pessoa que foi concebida como arrogante e elitista, para usar esse tipo de conhecimento popular para tirar o branco do normativo e especificá-lo

como uma categoria que também está construindo um poder colonial e um neoliberalismo, austeridade, etc . Então, sim, é isso que eu acho que pode ser uma direção interessante.

John Mundell: Excelente. Por isso acho que talvez só tenhamos...

Dra. Isar Godreau: A Patricia quer dizer algo.

Dra. Patricia de Santana Pinho: Posso fazer um pedido? Eu sei que estamos chegando perto do fim do evento. E eu sei que vi rapidamente perguntas realmente maravilhosas que...

Dra. Isar Godreau: Eu também.

Dra. Patricia de Santana Pinho:...eu gostaria de responder. Então, eu só queria que nós três, certo?, tivéssemos acesso a essas perguntas mais tarde, porque tenho certeza que elas vão ser inspiradoras para o nosso trabalho. E peço desculpas antecipadamente a todas as pessoas que levantaram grandes questões e não teremos a oportunidade de responder.

John Mundell: Sim, vou colocá-las em um documento e depois envio-as a todas vocês. Vejo muitos temas correndo juntos através de muitas das perguntas, especialmente sobre o tipo de ondas, tipo de ascensão da direita no Brasil, sabe, em meados do golpe de 1964, mas também em tempos recentes, bem como o tipo de universalismo da esquerda no Brasil que também se investe em algum aspecto da democracia racial, mesmo até hoje em alguns pontos, mas de uma forma mais ampla. Então, eu estou tirando essa pergunta especialmente da pergunta colocada por Steph Reist aqui sobre, você sabe, primeiro, Professora Pinho, você poderia falar sobre a relação entre a branquitude e corrupção ou anti-corrupção e como isso também se alinha com a ascensão neofascista no Brasil com, mais ou menos, o desmoronamento ou a tentativa de desmoronamento do Partido dos Trabalhadores, etc.? Mas então como isso também se relaciona com a Dra. Edwards e a Dra. Godreau, suas próprias menções e também comentários sobre a crise da dívida de 2001 na Argentina, a má gestão, sabe, com o Furacão Maria para o governo porto-riquenho. Sabe, como muito

disso parece mascarar a branquitude dentro da América Latina, atribuindo-a à degeneração, certo? Da mistura de raças, por isso...

Dra. Patricia de Santana Pinho: Sim, eu vi essa pergunta sobre corrupção, e acho que é tão importante e foi tão fácil de criar para fazer um assassinato de caráter, digamos, de Lula. E para dizer "Lula é o bandido, marginal, etc.", porque embora Lula não seja o que podemos chamar no Brasil de negro, ele é definitivamente, ele vem da pobreza. Ele não é isso [inaudível], certo? A maneira como ele fala português, até hoje, ele mesmo se zoa com seu próprio tipo de erros gramaticais, etc., certo? Então o que, novamente, é sobre o desempenho da raça, certo? Então, eu acho que o fato de ele ser, mesmo não sendo negro, mas explicitamente uma pessoa não-branca com todos esses desempenhos de pobreza e uma não-branquitude que fazem parte de sua persona, que tornou o trabalho de demonizar Lula fácil. Então, e isso também foi usado para expandir a questão da corrupção. E a questão da corrupção tem muito a ver, claro, com a raça, e é a antítese da branquitude nesse imaginário, certo? E quando pensamos nas Jornadas de Junho, os protestos públicos que ocorreram, especialmente a partir de 2013, muito dirigidos ao Partido dos Trabalhadores, foi sobre o pessoal LGBTQ como "corrupção" porque estão corrompendo o ideal tradicional de família. Era sobre esses negros que já não conhecem o seu lugar e querem estar na faculdade com os meus filhos. Então era sobre a negritude, a corrupção, o espaço de branquitude que se prolongava. Assim tem sido a corrupção, tem tomado muitas formas e muitas formas. E tem def ..., e eu acho que ainda há muito trabalho a ser feito sobre o significado da corrupção para fazer o trabalho de branquitude.

John Mundell: Comentários finais da Dra. Godreau, Dra. Edwards?

Dra. Isar Godreau: Bem, quer dizer, a questão da mistura colonial está sempre também ligada, a questão da mistura está também ligada ao domínio colonial. Portanto, o fato de sermos corruptos e não sabermos como lidar com os fundos federais para Maria, que é o que a narrativa que saiu da administração de Trump foi, está em sintonia com a narrativa colonial de que não podemos nos governar. E a razão pela qual não podemos nos governar é porque não somos verdadeiramente brancos e não somos realmente brancos e estamos misturados e corrompidos. Então, é tudo o que está ligado.

John Mundell: A multivalência da corrupção não é apenas econômica, política, mas também vista como moral ou mesmo biológica.

Dra. Isar Godreau: Certo. Sim. E justifica o domínio colonial.

Dra. Erika Denise Edwards: E também, só para terminar e pensar nisso, essa é uma grande questão e essas práticas neoliberais que acabam resultando, em primeiro lugar, na crise de 2001. E então, eu diria de muitas maneiras, a Argentina ainda não se recuperou disso. Temos esta contínua crise de dívida que aconteceu uma e outra vez e depois essa mudança de culpas. Essa pessoa impôs essa pergunta agora mesmo, é todos aqueles bolivianos e todos aqueles paraguaios e todos aqueles que vivem nas vilas e sempre aquelas, aquelas iterações mais escuras do que é "negro" é sempre um problema. E por isso você está sempre vendo isso. E isso é uma maneira de, ultimamente, transferir a culpa para os outros, certo?, que agora estão corrigindo essa noção do que é a Argentina, essa noção imaginada de uma nação branca homogênea. Mas felizmente, temos esses ativistas que são negros e indígenas que estão surgindo e tentando mudar e estão mudando, devo enfatizar, a narrativa.

John Mundell: Bem, acho que chegamos à hora de encerrar, mas queria agradecer à Dra. Patricia Pinho, à Dra. Isar Godreau e à Dr. Erika Edwards, pelas suas adoráveis contribuições. Acho que essa conversa poderia ter continuado por mais uma hora muito facilmente e poderia produzir muitas dissertações e muitos livros e muitos artigos. Foi um prazer estar com todas vocês. Eu quero, essa é a nossa última mesa-redonda dessa série. Quero agradecer ao Centro de Estudos Latino-Americanos, assim como aos nossos generosos patrocinadores para que essa série acontecesse. E obrigado a todos por assistirem hoje. E esperamos que tenham uma semana maravilhosa e que se mantenham seguros e em boa saúde. Fiquem bem.

Dra. Isar Godreau: Obrigada, muchas gracias.

Dra. Patricia de Santana Pinho: Obrigada.

Dra. Isar Godreau: Ok, tchau.

Dra. Erika Denise Edwards: Obrigada, tchau.

Dra. Isar Godreau: Tchau.